

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#001



Manuel Branco © #ECOS

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#001

Manuel Branco © #ECOS

“Estamos em 1966 e fui chamado para a inspeção militar. Em seguida devia seguir caminho para a guerra que Salazar conduzia em Angola, Guiné e Moçambique. Já tinha decidido não alinhar naquilo que eu considerava uma guerra injusta. Combater povos que não conhecia, e não me tinham feito mal nenhum. Matar ou ser morto por que razão? Diziam eles que era para defender a pátria e a civilização cristã. Mas para mim, a minha pátria era o meu país, a minha terra, os meus familiares, os meus amigos...

Face a esta decisão que tomei, só tinha uma solução, não podia ficar no país e tive de sair de Portugal. Fui para França”.

Manuel Branco, natural de Pampilhosa da Serra e criado no Fundão, saiu de Portugal em 1966, tendo regressado clandestino ainda antes do 25 de Abril. Em França, fundou o jornal O Alarme!.. e foi militante em várias organizações de esquerda. Foi operário mecânico e arquiteto. Vive atualmente em Grenoble (França).

Ver testemunho em <https://ecosexilios-cria.org>

<https://ecosexilios-cria.org>   ECOS - Exílios, contrariar o silêncio

ecos.exilios@gmail.com   @ecos.exilios

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#002



Carlos Gomes Neves © #ECOS

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#002

Carlos Gomes Neves © #ECOS

“Em 1970 era furriel-miliciano no exército português. Fui, entretanto, mobilizado para a Guiné-Bissau, e a 5 dias do embarque para África desertei juntamente com um amigo. Não foi uma coisa fácil. Abandonar a família, os amigos, ir por essa Europa que eu não conhecia, sem passaporte, sem saber que poderia ser reconhecido, recambiado, enviado para Portugal, e ir parar com os costados a uma prisão militar. Mas a ditadura não me deu outra alternativa.

Não foi fácil, mas foi bom. Passei fome, passei momentos com um grande aperto no coração com as saudades que tinha, perdi amigos, mas ganhei outros. Aprendi como é bom falar em liberdade, enriqueci-me com a solidariedade, o espírito de sacrifício, os abraços de todos aqueles de diversas nacionalidades que me ajudaram nas piores alturas e que se juntaram a nós pela luta pelo derrube da ditadura e pelo fim da guerra colonial.

Foi a Dinamarca que me acolheu, foi a Dinamarca que me protegeu e foi a Dinamarca que me deu a possibilidade de ter um futuro”.

Carlos Gomes Neves, natural da região de Lisboa, saiu de Portugal em 1970. Foi exilado político na Dinamarca, onde ainda hoje reside, depois de uma breve estadia em Portugal após o 25 de Abril. Integrou o Comité de Desertores de Aarhus (Dinamarca) e foi militante em várias organizações de esquerda.

Ver testemunho em <https://ecosexilios-cria.org>

<https://ecosexilios-cria.org>   ECOS - Exílios, contrariar o silêncio

ecos.exilios@gmail.com   @ecos.exilios

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#003



Rui Mota © AEP 61-74

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#003

Rui Mota © AEP 61-74

“No dia 25 de Abril de 1974 estava em Amesterdão, onde me tinha exilado cerca de oito anos antes.

As primeiras imagens (a preto e branco) eram de militares e da população em Lisboa, seguidas da proclamação da Junta de Salvação Nacional, dirigida por Spínola. Ao ver aqueles rostos fechados, a maior parte deles fardados e de óculos escuros, não pude deixar de pensar na “junta” chilena de Pinochet. Teríamos de esperar para confirmar, pelo que não aconselhava ninguém a voltar a Portugal naqueles primeiros dias, até se confirmarem as notícias.

Hoje, passados 40 anos - sobre um dia que parecia nunca mais acabar - continuo a pensar que foi bom ter errado nos meus vaticínios. O 25 de Abril está aí para o provar. Festejemo-lo, pois”.

Rui Mota, natural de Lisboa, esteve exilado na Holanda para onde partiu em 1966. Nesse país, de onde regressou em 1996, foi membro do Comité de Refugiados Portugueses, militou em várias organizações de esquerda e fez estudos universitários. Reside atualmente em Lisboa. Ver testemunho no livro “Exílios. Testemunhos de exilados e desertores na Europa (1961-1974)”, publicado pela AEP 61-74 em 2016.

<https://ecosexilios-cria.org>   ECOS - Exílios, contrariar o silêncio

ecos.exilios@gmail.com   @ecos.exilios

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#004



Teresa Couto © #ECOS

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#004

Teresa Couto © #ECOS

“Emigrei para Grenoble, França, em 1970. Não tinha qualquer ligação à política. Saí de Portugal para trabalhar, com uns patrões portugueses que me exploravam mais ainda do que se estivesse em Portugal.

Foi num jardim que frequentava que encontrei uma amiga espanhola, que se prontificou a ajudar-me. Falou-me da ODTI, a organização de defesa dos trabalhadores imigrados, e aí me dirigi com ela. Fui recebida por um camarada que me ajudou a arranjar trabalho com contrato onde fiz a minha *carte de séjour* e a minha carta de trabalho. Conheci outros camaradas e depressa estava integrada num grupo de trabalho que lutava contra o fascismo, a guerra colonial e a opressão em Portugal. Participei e promovi várias iniciativas, festas, reuniões e outras atividades. Fiz a alfabetização para mulheres migrantes, participei em reuniões com mulheres sobre métodos de contraceção e aborto, distribui panfletos porta a porta”.

Teresa Couto, natural das Caldas da Rainha, emigrou para Grenoble (França) onde militou no grupo O Comunista. A militância ativa trouxe-a para Portugal em 1973 para desenvolver trabalho político clandestino numa fábrica na Amadora. Reside atualmente na região da Grande Lisboa.

Ver testemunho em <https://ecosexilios-cria.org>

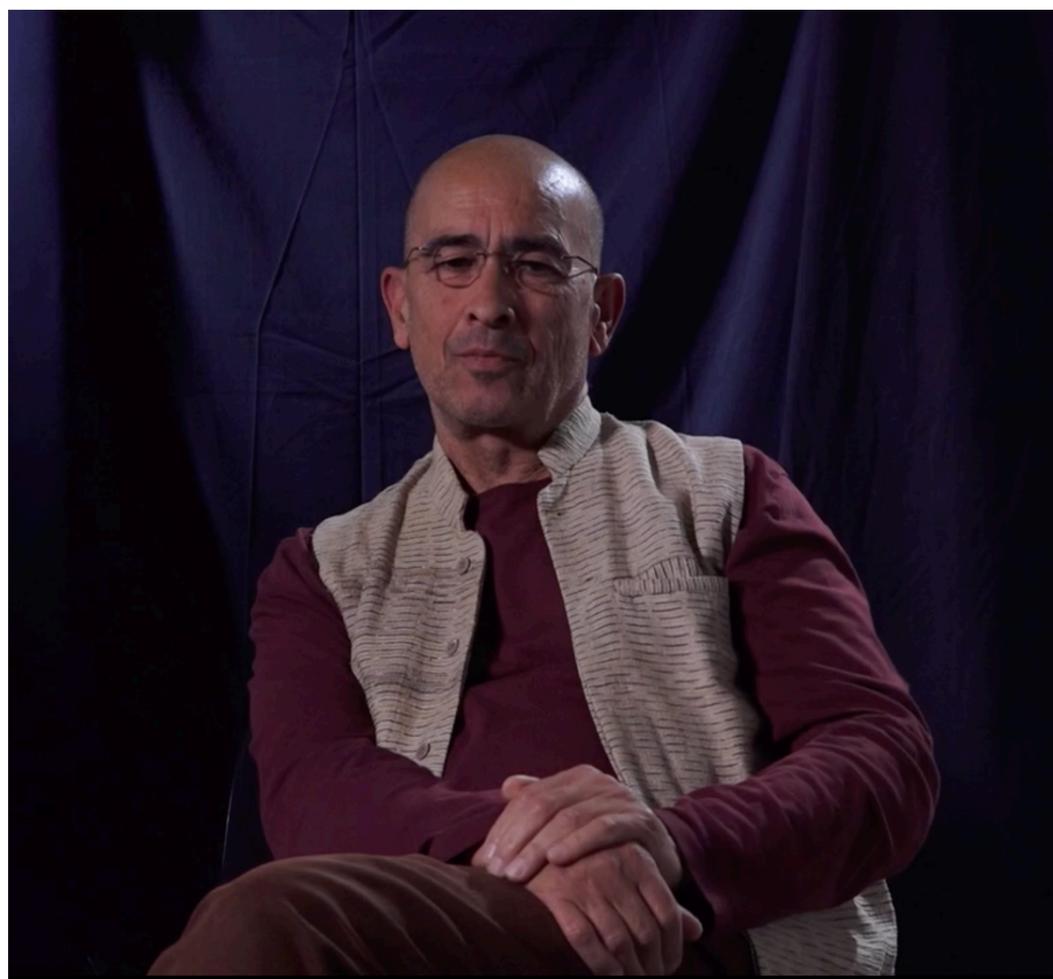
<https://ecosexilios-cria.org>   ECOS - Exílios, contrariar o silêncio

ecos.exilios@gmail.com   @ecos.exilios

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#005



Fernando Cardoso © AEP 61-74

#ECOS

exílios, contrariar o silêncio:
memórias, objetos e narrativas
de tempos incertos

memória#005

Fernando Cardoso © AEP 61-74

“Casa abrigo, casa comunidade, casa solidária, casa *comité*. Nos anos 70 (do século passado), muitos desertores, exilados políticos ou gente contra a guerra colonial, passaram e/ou ficaram algum tempo nesta casa. O nº 15, propriedade de uma amiga solidária com a causa dos portugueses. O centro da casa era a cozinha com uma grande mesa familiar encimada por um cesto de fruta preso com um cordel na escada de acesso ao andar de cima. Debaixo dessa escada uma cama acolhia quem não estava programado, gente do turno da noite ou um caso de lotação esgotada.

Na casa, como se pode imaginar, além de uma pequena biblioteca com as obras revolucionárias da época, havia centenas de panfletos, jornais, cartazes e variado material de agitação e propaganda.

E conseguiam-se coisas extraordinárias. Uma vez, o *António das Mortes*, conseguiu mobilizar a malta toda para, no andar de cima, dobrar o som do filme de *Sergei Eisenstein*, o *Couraçado Potemkin*, para uma projeção que ocorreu em *Boulogne Billancourt* para os operários portugueses e respetivas famílias. Era a nossa versão de “Cinema em Casa”.

Fernando Cardoso, desertor do exército português, foi para Paris (França) em 1970, tendo residido nos primeiros anos de exílio nesta casa. Durante esse tempo foi operário e militante em várias organizações de esquerda. Regressou a Portugal em 1976, residindo em Lisboa. A casa aqui descrita, o nº 15 da Rue du Moulinet, já não existe. Ver testemunho no livro “Exílios. Testemunhos de exilados e desertores na Europa (1961-1974)”, publicado pela AEP 61-74 em 2016.

<https://ecosexilios-cria.org>   ECOS - Exílios, contrariar o silêncio

ecos.exilios@gmail.com   @ecos.exilios